

PUBLICAÇÕES RECENTES ACERCA DA PENÍNSULA IBÉRICA  
(QUARTA NOTÍCIA)

A Geografia da Península Ibérica de H. LAUTENSACH (\*) coroa uma vida de intenso labor onde, entre outros temas e viagens, as terras de Portugal e Espanha há muito preocuparam o autor: quarenta anos de investigações, quinze viagens, algumas de muitos meses, perfeito conhecimento das línguas peninsulares, leitura constante e utilização exaustiva da bibliografia, elaboração de mapas de aspectos físicos e humanos, alguns completamente originais, dão a esta obra o cunho de profunda seriedade que há muito acreditou no mundo a Ciência geográfica alemã. Mas o livro, além de procurar constituir uma Geografia completa dos dois estados peninsulares, tanto na parte geral como regional, pretende ser uma *demonstração*: a possibilidade de aplicar o método da «sequência da paisagem geográfica» a uma vasta entidade natural, ao mesmo tempo unida e vária. Segundo o processo usado pelo autor em anteriores publicações, a parte geral e a parte regional ocupam

---

(\*) HERMANN LAUTENSACH. *Iberische Halbinsel*, Keyserische Verlagsbuchhandlung, München, 1964, 700 pp., 49 figs. 32 fots. Trad. espanhola; *Geografía de España y Portugal*, Editorial Vincens-Vives, Barcelona, 1967, 814 pp., 49 figs., 32 fots.

aproximadamente a mesma extensão e numa e noutra os aspectos físicos e humanos são tratados com importância comparável. A recente tradução espanhola permite, entre o público peninsular e americano, maior divulgação de uma obra que satisfaz as maiores exigências metodológicas e é tão rica de conceitos originais como de condensação da mais variada e dispersiva bibliografia, sempre utilizada dentro de um rigoroso critério geográfico.

#### ORIGINALIDADE DA PENÍNSULA

Um trapézio com mais de 1200 km de diagonais, cerca de 600 000 km<sup>2</sup> de superfície, separado da França por uma barreira montanhosa onde se fixou uma fronteira de estados em 1659, 4100 km de contorno marítimo: a Península Ibérica é a mais extensa das penínsulas mediterrâneas da Europa e a que tem com esta um limite mais definido.

A mais antiga notícia da Península Ibérica ascende ao século VI a. C. e está contida num *Périplo* conhecido apenas pelo poema tardio de Avieno, *Ora Maritima*. Geógrafos antigos e árabes deixaram descrições e figurações válidas que todavia só com o uso da bússola tomaram, nos portulanos do século XIV, aparência exacta. Nos fins do século seguinte e durante o século XVI aparecem valiosas narrativas de viajantes estrangeiros e descrições de corógrafos peninsulares. O primeiro mapa de Portugal data de 1560; no fim do século, Filipe II mandou executar um Atlas da Península unificada, que se conserva inédito na Biblioteca do Escorial (21 folhas à escala aproximada de 1:350 000). De então por diante o conhecimento geográfico da Península não cessou de progredir. Mas os métodos da Geografia científica foram introduzidos por autores de língua alemã: A. VON HUMBOLDT mostrou, com os seus perfis rigorosos, o carácter planáltico e montanhoso do bloco central ibérico, LINK deixou uma descrição viva e colorida do Portugal, que visitou na maior parte, WILLKOMM fundou a fitogeografia. No século XIX e no actual multiplicam-se os esforços de investigação, europeus e peninsulares, para o melhor conhecimento do território ibérico, tanto sob o aspecto geográfico (neste é relevante o contributo do próprio LAUTENSACH) como no das ciências afins; a cartografia de grande escala começa em Portugal em 1862<sup>(2)</sup>, em Espanha em 1875. Vários aspectos da cartografia geológica, da ocupação do solo, da vegetação, etc., assim como atlas nacionais, vão completando as lacunas existentes. Nestas obras, assim como na própria experiência, baseou LAUTENSACH o minucioso e variado *Atlas temático* (75 mapas a preto e branco) que acompanha o volume. Uma bibliografia de 1421 títulos, seleccionada e classificada por assuntos e regiões, torna esta obra de leitura e de consulta o melhor ponto de partida para qualquer estudo da geografia peninsular.

<sup>(2)</sup> Por um lapso incompreensível, não corrigido na tradução espanhola, indica-se o ponto culminante do território português a 2840m em vez de 1991m. Também se traduz *Kartenwerke* por *atlas*, em vez de *cartografia*.

Vários traços fundamentais separam a terra ibérica das restantes penínsulas mediterrâneas: uma *Meseta*, alto planalto interior rodeado de montanhas, aproxima-a antes do Atlas ou da Ásia Menor; os elementos mediterrâneos, naturais e culturais, adquirem um matiz continental ou atlântico, este ao longo de uma fachada onde o Estado Português recebeu apoio externo para manter a independência; as relações com o Ultramar exerceram profundas repercussões. Pelo estreito de Gibraltar penetraram influências africanas, desde o Paleolítico até à invasão muçulmana, cujos traços se atenuam para o norte. Os Pirenéus são praticáveis nas extremidades pela porta vasca, por onde entram em Espanha aspectos atlânticos e de um e de outro lado da qual habita «um povo não indo-europeu, talvez ibérico», e pela porta do Rossilhão, por onde o clima e as culturas mediterrâneas, assim como a língua catalã, se expandem em território francês. «Contudo, estas duas portas isolam mais do que unem.» Como já mostrou TH. FISHER, a Península Ibérica, sendo «um mundo de contrastes», possui mais forte individualidade do que qualquer outro território europeu.

#### METODOLOGIA

Sob o aspecto metodológico uma região pode ser estudada debaixo de quatro categorias de *sequências das formas geográficas*: variação *planetária*, *central-periférica*, *leste-oeste*, *hipsográfica*. Particularmente sensível no clima e em tudo que dele depende, ela nota-se igualmente em aspectos da geografia cultural: as influências muçulmanas, por exemplo, diminuem para norte e para oeste. A gradação das formas geográficas pode fazer-se, segundo o tipo de variação considerado, em *faixas*, *bandas*, *anéis* e *niveis*. Dentro destas quatro categorias conceptuais se dividem as «regiões geográficas». No prefácio da tradução espanhola, J. VILÁ VALENTÍ aponta o carácter físico deste critério e a falta de estudos que permitam aplicar à Península Ibérica outros conceitos de Geografia regional. Estes foram principalmente desenvolvidos por geógrafos franceses, como P. GEORGE e E. JUILLARD, e baseados essencialmente no papel «polarizador» das grandes cidades. Neste sentido também o trabalho de LAUTENSACH se pode considerar um modelo e uma demonstração: porque, em termos de uma Geografia completa e integradora, qualquer critério de divisão espacial tem de ser válido para todos os elementos que constituem as unidades de paisagem; mais ainda, tem de possuir valor universal. Foi o que pretendeu mostrar LAUTENSACH aplicando-o comparativamente a duas penínsulas subtropicais nas extremidades do velho mundo: a Ibéria e a Coreia. A sua original metodologia das regiões geográficas merecia ser mais conhecida dos que procuram marcar novos rumos à Geografia regional, de que ele é um dos especialistas mais reputados entre os autores de expressão alemã. Infelizmente, os obstáculos linguísticos parecem, no mundo da Ciência contemporânea, cada vez mais difíceis de superar... Dentro destes critérios, a Península Ibérica é dividida em cinco faixas (desde o clima sempre húmido ao clima quase sempre

seco), cinco bandas (desde o totalmente atlântico ao levantino insular), um anel periférico oposto a uma área central, quatro níveis de altitude (abaixo de 500 m, 500-1200 m, 1200-2500 m, acima de 2500 m).

Na impossibilidade de condensar a matéria acumulada neste livro denso — «dos factos morfológicos à toponímia, do clima à geografia agrária, da evolução histórica às análises regionais» (J. VILÁ VALENTI) —, indicam-se apenas os aspectos mais relevantes.

#### RELEVO E CLIMA

O relevo da Península pode esquematizar-se, sob o aspecto descritivo, da seguinte maneira: duas mesetas ou planaltos interiores (mais elevada a do norte) separadas por uma Cordilheira Central e rodeadas por montanhas periféricas interiores e exteriores, estas cortadas de planuras e colinas; duas grandes depressões triangulares, uma interior (a do Ebro), outra amplamente aberta para o mar (a do Guadalquivir); duas cordilheiras imponentes, ainda mais exteriores no conjunto do relevo ibérico: Pirenéus e Cordilheira Bética, onde estão os pontos culminantes do relevo peninsular (fig. 1). No sentido leste-oeste alterna uma série de bandas elevadas e deprimidas e as cordilheiras litorais deixam passos entre si, por onde penetram várias influências geográficas (fig. 2). A altitude média da Península é de 640 m, enquanto 43 p. 100 de Portugal está a menos de 200 m.

O mês mais quente é Agosto, com temperaturas mais elevadas na costa mediterrânea e no interior e efeitos de *foehn* em algumas depressões, como o Alto Douro e a Baixa Andaluzia, esta com 10° mais do que o Cabo de São Vicente. Durante o mês mais frio (Janeiro) o contraste estabelece-se entre a periferia e as terras altas interiores, sujeitas a intenso arrefecimento. As temperaturas médias de Janeiro são de 8° a 10° na costa cantábrica, 11° a 14° na costa meridional, 3° a 6° nas Castelas e na depressão do Ebro. Por isso as amplitudes anuais variam de 6,2° no Cabo de São Vicente a 22,4° em Argamassilla, na Mancha. A precipitação aumenta para o norte e é mais forte no bordo oeste, por influência dos «poderosos ciclones atlânticos» reforçada pela altitude; uma faixa do norte da Península escapa, uns anos por outros, à acção do anticiclone dos Açores, que domina no sul; as depressões interiores são secas, mesmo próximo do mar; registam-se precipitações de mais de 3000 mm nas montanhas do Noroeste e de 128 mm no Cabo de Gata; enquanto o Norte da Espanha não tem nenhum mês seco, por influência do anticiclone dos Açores, o Sul tem 5 ou 6 durante a época mais quente do ano. As montanhas formam ilhas de humidade nas faixas progressivamente mais secas; por acção do anticiclone central ibérico pode haver meses secos no Inverno (Saragoça com 5); em Almeria só Novembro tem mais de 30 mm de precipitação, no Cabo de Gata todos os meses são secos. A oeste predominam as chuvas inverniais no interior e a leste as de Primavera e Outono. Os nevões têm importância nas montanhas: 59 dias nos Pirenéus, 43 e 34 respectivamente nas vertentes norte e sul da Serra Nevada, a 2000 m;

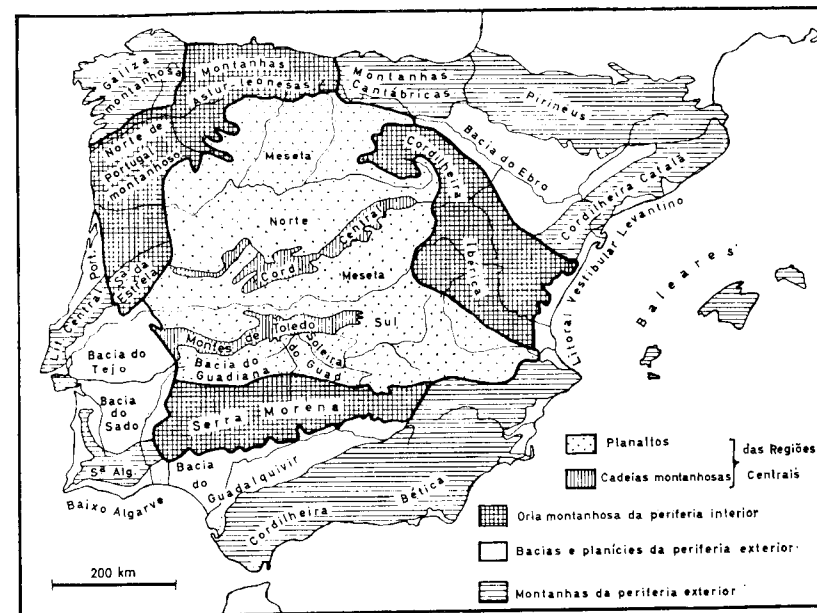


Fig. 1 — Os caracteres morfológicos do ponto de vista da sequência periférico-central.

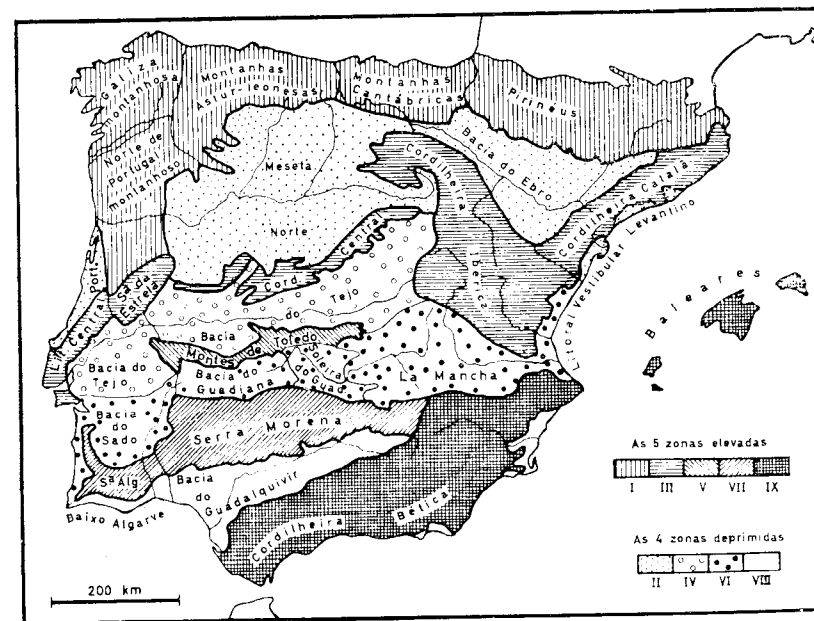


Fig. 2 — Os caracteres morfológicos do ponto de vista da sequência zonal.

a esta altitude a neve pode persistir durante mais de 200 dias; mas só nos Pirenéus existem glaciares, tendo fundido nos últimos decénios o que se formou na Serra Nevada e era o mais meridional da Europa. Na atmosfera seca e estável de Verão, no interior da Península forma-se a *calina*, bruma seca de fina poeira: calculou-se que flutuam 10 000 t de pó numa área de mais de 100 000 km<sup>2</sup>. As costas atlânticas contrastam, pelos dias de neblina, com o céu límpido do litoral mediterrânico:

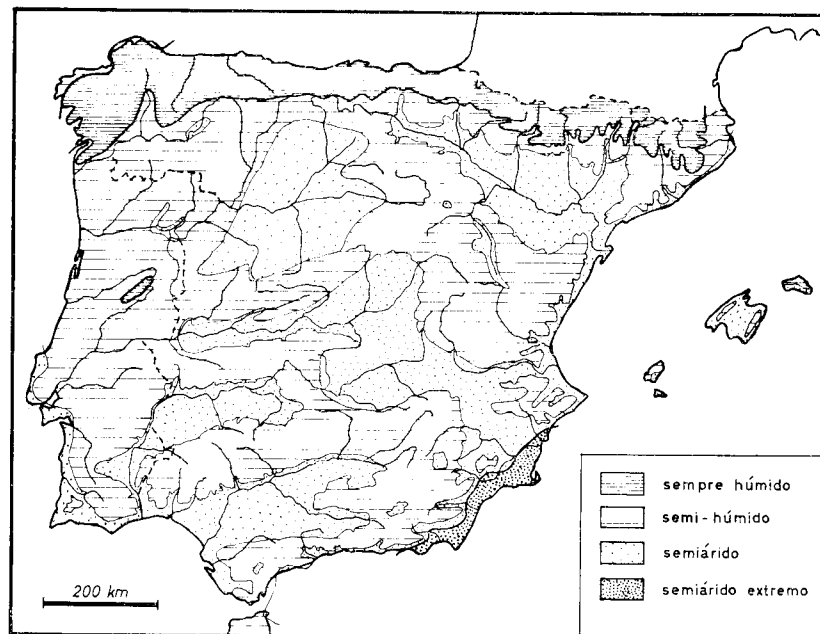


Fig. 3 — Divisões da Península quanto a humidade e aridez (segundo LAUTENSACH-MAYER).

névoas e marés causaram horror aos primeiros viajantes mediterrâneos que as presenciaram. Os valores da insolação variam entre 1731 h anuais em Gijón e 3256 h em San Fernando. Em todos os elementos do clima o contraste é nítido.

A causa desse contraste reside na circulação geral da atmosfera. «O corpo maciço da Península está sujeito com tanto mais frequência e duração à influência dos ventos gerais (alisios) quanto mais se caminha para o sul. A parte norte, pelo contrário, está sempre situada na zona dos ventos de oeste. No Verão, o movimento descendente do ar dos ventos gerais não dá origem à formação de nuvens e a intensa irradiação solar na atmosfera límpida provoca uma área de baixas pressões no interior da Península, para onde sopram os ventos, uns do norte e oeste, outros de sueste, que podem considerar-se como um desvio de monção dos ventos gerais. O intenso resfriamento do pleno

Inverno provoca, pelo contrário, uma área de altas pressões, com ventos divergentes, que opõe uma barreira às depressões atlânticas.

Os valores da evaporação potencial sublinham, uma vez mais, o contraste entre a Ibéria sempre húmida (em torno de 700 mm nas baixas altitudes) e a Ibéria quase sempre seca (900 mm); nas montanhas podem descer a 535 mm. As estações do Norte da Península, dos Pirenéus à Galiza, não têm nenhum mês árido; daí para sul e leste a aridez vai aumentando (com excepção da ilha húmida da Serra da Estrela) até 9 meses, no litoral sueste, extremamente semiárido.

A análise de doze tipos de tempo e a sua sucessão no decurso do ano explicam as gradações e contrastes em que assenta a divisão climática da Península, primeiro e decisivo elemento da sua vigorosa diferenciação regional: Ibéria sempre húmida (5 subdivisões), Ibéria de Verão seco (11 subdivisões centrais e 13 periféricas, 8 a ocidente, 2 a oriente, tendo, além disso, cada ilha das Baleares a sua individualidade climática, 3 a sul e sueste), Ibéria quase sempre seca (uma região única) (fig. 3). A primeira é um bom exemplo de divisão zonal, que abrange tanto a Cordilheira Pirenaica como as montanhas e depressões do País Vasco à Galiza; pelas várias regiões da Ibéria de Verão seco, que alcança o sul da Galiza e o sopé interior das Montanhas Cantábricas, estabelece-se, pela duração cada vez maior dos meses sem chuva, a transição para a faixa de grande secura do litoral sueste da Península; a semiaridez domina em quase todas as bacias interiores e no litoral levantino. Estes matizes regionais, tratados com grande exactidão e pormenor, corrigem o limite errado e muito divulgado, estabelecido por J. BRUNHES num livro, aliás excelente, sobre a regra, que separa a Península em árida e chuvosa, traçando entre ambas um limite em grande parte arbitrário.

### Os Rios

«Na época de formação da superfície de desnudação pós-pontiana a energia orográfica da Península era, na sua maior parte, extraordinariamente pequena.» Foram levantamentos montanhosos e em bloco que soergueram esta área, onde, no interior, os rios correm tranquilos na Meseta, antes de ganharem, por gargantas fundas e selvagens, as saídas para o Atlântico. 36 p. 100 do interior da Península são drenados por estes rios; os restantes pertencem à vertente mediterrânea (31 p. 100), atlântica ocidental (17 p. 100), golfo de Cadiz (12 p. 100), cantábrica (4 p. 100). LAUTENSACH não parece conceder importância ao endorreísmo, a que corresponderão alguns troços da rede hidrográfica interior, e à tardia captura destes sistemas fluviais para o Atlântico. Sendo assim, as altas mesetas podem não ter sido soerguidas mas ocuparem a posição inicial de superfícies interiores elevadas, em torno da qual a orogénese recente multiplicou cadeias periféricas e desencadeou a erosão que originou os profundos *cañones* dos rios atlânticos.

Os rios do norte têm caudais comparáveis aos dos rios da Europa média, a despeito de atravessarem áreas interiores semiáridas, por

causa da alimentação que recebem dos afluentes de montanha; os do sul, pela maior duração da estação seca, possuem caudais mais modestos. O caudal do Guadiana em Guadalentin está para o caudal do Barosa, nos Pirenéus, como 1:693! Por influência das várias regiões climáticas e da proximidade de maciços montanhosos podem estabelecer-se 8 tipos de regimes fluviais: nival franco, de transição (3), vários tipos pluviais (4). As diferenças entre estiagem e cheias são enormes. A estiagem alcançou 1:570 do caudal médio do Tejo em Ródão; no Verão secam mesmo os rios grandes e as *ramblas* cascalhentas servem então de caminho à gente, aos animais de carga, aos carros e aos rebanhos. As cheias produzem-se sobretudo na periferia, por influência de situações meteorológicas que afectam menos o interior; alguns exemplos: o Tejo subiu 29 m perto da ponte de Alcântara (24.I.1941) e, à saída do maciço antigo, pode alagar uma área de 600 km<sup>2</sup>; o Guadiana, em Mértola, apenas a 60 km da foz, subiu 25 m (7.XII.1876); o Douro, 20 km a montante do Porto, chegou a 31 m, o que corresponde a um caudal de 20 000 m<sup>3</sup>/seg.: PARDÉ considera-o «o rio mais violento da Europa». A força de arraste destes caudais de cheia é enorme e representa um perigo de colmatagem para as albufeiras. As encostas desnudadas pelo homem, expostas à longa seca de Verão e às chuvas violentas de certas situações meteorológicas, fornecem enorme quantidade de carga sólida às enxurradas e às cheias; os valores de transporte e de sedimentação são assim extraordinariamente elevados. Nos rios do ocidente, um leito maior (às vezes terraço), onde as cheias depositam materiais, contém uma estreita garganta ou um vale onde, na estiagem, o rio meandriza entre bancos de areia. Na Espanha semiárida persistem áreas endorreicas e lagoas sem escoamento para o mar.

#### EVOLUÇÃO GEOMORFOLÓGICA

O capítulo de geomorfologia, além de observações pessoais, condensa investigações de autores espanhóis, portugueses, franceses e alemães. O Maciço Ibérico (*Meseta*, no sentido de alguns geólogos) constitui o núcleo e a parte mais antiga da Península, desenvolvida na sua metade ocidental onde alcança o oceano a norte e a oeste. Fundamentalmente hercínica, como alguns elementos incorporados em cordilheiras periféricas, formando principalmente montanhas no noroeste, planuras no sul, desaparece sob as orlas secundárias e terciárias do oeste e do Algarve e, por «flexura rectilínea», sob os sedimentos da bacia do Guadalquivir. A leste o limite é mais completo, formado por uma alternância de esporões montanhosos e de abatimentos colmatados pela sedimentação terciária, em consequência da repercussão dos movimentos da Cordilheira Bética. As extensas massas de granitos correspondem ao eixo da «culminação principal» de uma área com tendência ao levantamento constante. A pendente principal era, no Secundário, para a Tétis, como mostra o carácter predominantemente marinho dos sedimentos dessa idade. A tectónica terciária criou as montanhas

periféricas de enrugamento com as respectivas pré-fossas (Guadalquivir-Cordilheira Bética, Ebro-Pirenéus) e a espessa sedimentação continental nas bacias de subsidência das duas submesetas (1200 m na fossa do Tejo, até ao Pontiano, «caliza de los páramos»).

Os solos, uns residuais outros recentes, reflectem a influência dos contrastes climáticos actuais, das variações do passado (extensão de fases pluviais glaciárias), mas estão em estreita dependência da rocha-mãe (o que nem todos os pedólogos costumam ter em conta). A destruição do bosque e o desnudamento do solo exposto às enxurradas fazem que os solos da Ibéria de Verão seco se degradem e estejam privados de parte dos seus horizontes. Cada rocha tem as suas formas próprias: «berrocales» de blocos nos cimos e vales de fractura rectilíneos no granito, montículos e meandros no xisto, muralhas unidas nos quartzitos, lapiás nos calcários, cuja formação continua na actualidade, e conjunto de formas cársicas, de tipo alpino nos Picos da Europa, de tipo mediterrâneo nos demais maciços calcários, alguns célebres pela sua impeniência (Ciudad Encantada de Cuenca, Pedra Furada, perto de Mafra, Torcal de Antequera, Cordilheira Bética), *bad lands* na área mais seca da Península. O limite das Neves no Würm subia da periferia oceânica para o interior de 1400 m a 1800 m. Vestígios glaciários existem até à Cordilheira Central e na Cordilheira Bética, o que indica um desenvolvimento espacial das condições climáticas semelhante ao actual. Excepto nos Pirenéus, onde existem traços do Riss, formas e depósitos pertencem apenas à última época glacial.

Toda a orogenia da Península é devida essencialmente ao impulso do enrugamento dos Pirenéus e da Cordilheira Bética: os alinhamentos leste-oeste do bloco ibérico, assim como as depressões das submesetas, são devidos à repercussão dos movimentos da última, os Montes Ibéricos ao impulso dos Pirenéus; seguiu-se uma aplanagem pós-pontiana, depois scorguida a mais de 1400 m (cf. observação anterior acerca da superfície endorreica), com solevamento das montanhas leste-oeste; fase semiárida das *rañas* e, em consequência de novos levantamentos, encaixe espasmódico da rede hidrográfica, com terraços climáticos. A Meseta sul e a Mancha são superfícies de desnudação em que estão biseladas várias camadas até ao Sarmatiano, não porém o Pontiano, a cuja fase final se podem atribuir. Penetra em rampas (*glacis*) no maciço antigo, coberta por um depósito grosseiro de matriz argilosa, que alcança um cento de metros de espessura e toma grande desenvolvimento junto dos relevos residuais de quartzito dos Montes de Toledo: tem o nome local de *raña* e formou-se na fase semiárida do Vilafranquiano. A mesma superfície pós-pontiana, com rampas e *rañas*, pertence a maior extensão da Meseta norte; abaixo dela existe, a ocidente, uma superfície embutida, portanto mais jovem; a leste, a Meseta liga-se à depressão do Ebro por um corredor entre os Montes Cantábricos e Ibéricos. Toda a Cordilheira Central parece pertencer ao tipo das montanhas em blocos, com importantes abatimentos longitudinais; pelo contrário, nos Montes de Toledo, sobressaem, acima de extensas aplanagens, cristas transversais de quartzito. As mon-

tanhas e planuras meridionais do maciço antigo são estudadas em pormenor na parte regional. Ao norte é a Meseta que forma os cumos das montanhas (segundo investigações portuguesas recentes e inéditas as duas superfícies da Meseta), cortadas de depressões tectónicas e pelo fundo entalhe do Douro e dos seus afluentes. Na Cordilheira Asturo-Leonesa as superfícies de desnudação sobem a 2500 m. A Cordilheira Cantábrica s. s. e as outras cordilheiras periféricas, com as suas pré-fossas, pertencem ao tipo das montanhas de enrugamento com formas complexas (incompletamente elucidadas) devidas à interferência da tectónica e da erosão.

«Os contornos maciços da Ibéria, em contraste com os graciosos das outras penínsulas do Sul da Europa, devem-se a flexuras e fracturas rectilíneas.» Predominam as costas alcantiladas, tanto no maciço antigo como nas montanhas de enrugamento, onde os ribeiros se despenham em cascata e a abrasão talhou pequenas *calas*. Costas construídas existem apenas entre Espinho e Nazaré e entre o Algarve e o golfo de Cadiz. Rios importantes não produzem colmatagem litoral e o próprio Douro desagua por um *cañon*. LAUTENSACH aceita a origem eustática das praias levantadas e dos terraços vestibulares, causadas pelas glaciações (as mais baixas) e por movimentos do fundo do mar (as mais elevadas); mas não se exclui, nesta periferia continental com ressonância sísmica, a possibilidade de deformações recentes. O *estilo atlântico* é o das costas rectilíneas, o *estilo mediterrâneo* dos arcos muito abertos que, na realidade, começa no Algarve (talvez entre Cascais e o cabo Espichel e entre a restinga do Sado e o cabo de Sines).

#### VEGETAÇÃO

A vegetação está na estreita dependência dos contrastes e transições de climas precedentemente indicados, com notáveis adaptações à secura, à temperatura e à insolação. A vegetação setentrional avança para o sul nos solos siliciosos, relativamente húmidos, ácidos e frescos, e a meridional para o norte, nos solos, quentes e secos, calcários e de xistos argilosos. Os «limites por insuficiência de calor» actuam tanto no sentido planetário como no da altitude: limites de bosque a 1900 m nos Picos da Europa e na Serra da Estrela, a 2500 m na Serra Nevada. É muito marcada a sequência periferia-centro, onde as mesetas são «castigadas pela natureza das temperaturas frias de Inverno e pela escassez das chuvas da Primavera e do Outono». Por isso muitas espécies meridionais têm distribuição periférica (incluso as cultivadas). As sequências atlântico-levantina e planetária criam o maior contraste de vegetação que existe na Península: o bosque de folhas verdes e a lande atlântica na Galiza, a estepe natural de arbustos e gramíneas, com oásis de tamareiras. «Uma região parece-se com a Irlanda, a outra com a orla sul do Atlas.» As oscilações dos limites naturais, devidos aos períodos glaciários, acresce a acção destruidora do homem desde

o Neolítico final. Os solos, pelo desmonte do bosque, tornaram-se mais secos e alcalinos.

Muitas plantas da Europa central e ocidental têm na Península Ibérica o limite equatorial: principalmente árvores de folha caduca, como a faia, o videiro, o carvalho alvarinho (*Quercus pedunculata*), e coníferas, como o abeto e o pinheiro silvestre: uns limitados à área sempre húmida, outros penetrando na parte mais fresca da área de Verão seco: carvalho, associado ao tojo (*Ulex europens*) e à urze (*Erica tetralix*). De igual modo muitas plantas norte-africanas e mediterrâneas têm aqui o seu limite polar: carvalho português, azinheira (com uma espantosa capacidade de adaptação a todos os solos e a vários climas: até 1000 m como arbusto no Norte de Portugal, até 2000 m na Serra Nevada), o sobreiro, a oliveira, inadaptável aos Invernos frios da Meseta setentrional. Outros limites são significativos da variação oeste-leste: loendro, palmeira das vassouras, esparto, que, por um lado, pouco ultrapassam o Algarve, por outro chegam à Catalunha. Plantas atlânticas (*Erica cinerea*, urze) e macaronésias (*Myrica faya*, samouco, *Corema album*, camarinhira) não se afastam do litoral ocidental; pelo contrário, são exclusivamente levantinos o pinheiro larício e o pinheiro de Alepo.

No bosque primitivo predominavam as árvores de folhas verdes no Verão, principalmente o carvalho alvarinho, associado ao castanheiro com sub-bosque de ericáceas; nas montanhas, um andar superior de carvalho negral (de folhas tomentosas) e, mais acima, faias e freixos. A existência de estepes naturais (defendida por alguns autores espanhóis) não pode ser posta em dúvida (depressão do Ebro, Mancha, litoral do Levante). O bosque que tem a azinheira como árvore dominante alcança o sopé das montanhas setentrionais e caracteriza um andar de vegetação: abaixo dele, zambujeiro, medronheiro, lentisco, no extremo sul e levante, palmeira anã, alfarrobeira, loendro; acima (800 m nos Pireneus, 1200 m na Cordilheira Bética) reaparece o bosque de folhas caducas, verdes no Verão, e de coníferas.

A intervenção do homem na degradação das formações vegetais produziu-se desde a época megalítica. Por toda a parte é recente e importante a extensão de vários tipos de pinhais, principalmente à custa do bosque de carvalhos. Salvaram-se sobreirais pelo seu valor económico, mas derrotaram-se azinhais que outrora cobriam as Mesetas, onde há enormes extensões sem uma única árvore. Os carvalhais atlânticos foram substituídos em larga parte pelo pinhal ou por uma charneca de urzes, tojos e fetos; os azinhais pelo *monte bajo* ou *maquis*, denso e mais alto que um homem, formado por arbustos de folha dura, perene, de grande variedade de composição. No *esteval* ou *jaral* temos formações de uma espécie única ou prevalecente em áreas de roça para culturas temporárias e de pastoreio, pois a resina protege a planta do dente do gado. *Quercus toza*, mantido em porte arbustivo, conservando as folhas secas durante o Inverno, é também formação frequente nas áreas do interior com Verão seco.

«Quando a acção dos homens e do gado se intensifica, o *maquis* degenera em *garrigue*», principalmente nas regiões onde o balanço hídrico é desfavorável (regiões semiáridas) ou o solo é muito seco (calcário): formada de carrasco, de plantas odoríferas, de palmeira das vassouras, com grandes extensões de solo desnudo. Nas terras pardas das rochas cristalinas predominam os *retamares* (de *Genista*, *Cytisus* e *Retama*). Por acção do homem alargou-se também o domínio das estepes naturais; nestas, as formações mais pobres correspondem aos afloramentos de rochas com sal e gesso.

As páginas sobre «o ritmo fenológico das estações do ano», pela variedade e grande número de plantas referidas, espontâneas ou cultivadas, são impossíveis de condensar. O contraste entre o Norte e o Sul da Península é expresso em dois mapas especiais (datas da floração da amendoeira e ceifa do trigo outonal); no Sul passa-se imediatamente de uma Primavera outonal para a Primavera normal. «Em grandes áreas da Península falta, no curso anual das temperaturas, um Inverno climatologicamente definido.»

#### O PESO DA TRADIÇÃO

No Paleolítico, a Península esteve sujeita à acção das neves perpétuas que limitavam o *habitat* humano, compensando-o com grandes extensões descobertas pela descida eustática do mar; a fauna fria existe apenas no Norte; nos períodos interglaciários, aparentemente mais quentes e mais secos que o clima actual, invade a Península uma fauna africana e, com ela, as primeiras influências humanas originárias deste continente.

Com o Neolítico e idades seguintes, o panorama cultural da Península revela formas de desenvolvimento próprio (megálitos, castros), influências europeias (Celtas), africanas (cultura de Almeria), mediterrâneas (Tartessos, etc.), algumas com prolongamento até à actualidade (colectivismo agrário e pastoril, matriarcado, povo vasco, que usa uma língua pré-indo-europeia e tem individualidade cultural e serológica bem marcada) que, sobrepondo-se à grande variedade natural, matizam os contrastes ibéricos.

A conquista romana durou mais de dois séculos, a que se seguiu uma paz de quatro, durante a qual a romanização apagou línguas, instituições e principais traços da cultura material — de uma forma mais intensa no Sul do que no Norte, sempre húmido. Da época romana datam a telha redonda, o ladrilho, o adobe, a taipa, ainda largamente usados. A ela ascende a organização do povoamento no Noroeste, com a delimitação das *villas rusticas* (cujos nomes se conservaram) e a descida dos castros para os sopés, e no Sul, com a combinação de grandes herdades e aldeias cerradas. O património agrário é quase o actual, a Bética era, como hoje, um grande centro produtor de azeite, que Roma consumia, formando aí um montículo os cacos de ânfora dessa origem; dois dos tipos de arados que chegaram até nós usavam-se já na época romana (os Suevos terão introduzido o «quadrangular»);

o regadio sustentava já a prosperidade da Ibéria seca, ainda que se desconheçam pormenores. Criavam-se bois, ovelhas, porcos nos montados; os animais de tiro eram principalmente o burro e a mula. Pescava-se atum e cavala, extraíndo-se o sal de marinhas. Fazia-se intensa exploração mineira. Troços de estradas (segundo geralmente os interflúvios), pontes, miliários, ainda se conservam; a navegação fluvial era mais importante, ao depois prejudicada pelas arroteias, que

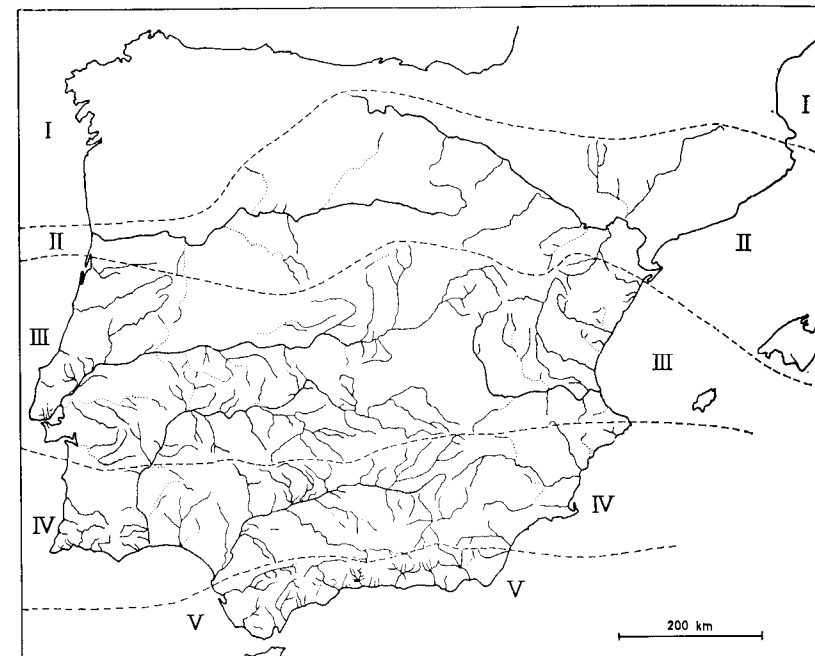


Fig. 4 — Rios com nomes árabes ou arabizados (segundo LAUTENSACH).  
As faixas numeradas indicam o aumento de densidade.

aumentaram a carga de aluviões. Muitos aspectos da geografia humana ascendem assim à época romana: com ela entrou a Península na organização urbana e capitalista da Antiguidade.

A influência dos Bárbaros é incomparavelmente menor que a dos Árabes e Berberes islamizados; rapidamente conquistaram a Península e apenas na Ibéria sempre húmida se não puderam conservar; daí partiu a Reconquista, recuperando em oito séculos o que se tinha perdido em sete anos. Ela progrediu, em conjunto, segundo frentes leste-oeste, mas o domínio muçulmano foi sempre mais duradouro na fachada levantina do que na atlântica (o reino de Granada caiu dois séculos e meio depois do Algarve). A influência de uma civilização superior foi muito forte: cerca de 3000 nomes de lugar e mais 300 de rios são de origem árabe, aumentando para o Sul e chegando nas Alpujarras à densidade máxima de 75 p. 1000 km<sup>2</sup> (fig. 4). Os traços

desta influência diminuem proporcionalmente à duração e são estreitamente conexos das faixas climáticas. Os Árabes introduziram plantas novas, a caprificação das figueiras e das tamareiras, construíram socalcos de sequeiro e desenvolveram as técnicas de rega, indispensável para grande número daquelas plantas; o regadio tomou então a mesma distribuição periférica que tem actualmente. Vocabulário e usos permitem completar o quadro da civilização material na época muçulmana e o que dela perdurou até à actualidade (20 000 nomes apenas em seis municípios do Oeste da Mancha, moinho de água, de vento e de bestas, moenda de azeite, azulejos, etc.).

«A tripartição étnica que existia durante o período pré-romano entre regiões habitadas por Celtas, Celtiberos e Iberos, em direcção norte-sul, renovou-se através da Reconquista e manteve-se até à actualidade» (galego-português, castelhano, catalão). Durante a Reconquista se formaram, no Norte da Península, os nomes de *presúria*, de origem germânica, ainda mais numerosos (3400) do que os nomes de origem arábica (no distrito do Porto 196 p. 1000 km<sup>2</sup>). Penso que este contraste resulta da maior densidade de população no Noroeste e do povoamento disseminado, o que multiplica os nomes de lugar. No Sul os reis talharam, na terra escassamente povoada, grandes bens doados às Ordens de cavalaria, aos nobres, aos mosteiros ou reservados aos próprios soberanos. O povoamento meridional, com grandes centros cerrados e distantes e montes ou *cortijos*, centros de exploração de grandes herdades em cultura e pastoreio extensivo, data dessa época. «A civilização urbana de Al Andaluz seguiu-se a rural dos estados da Reconquista»; afirmação que se me afigura exagerada, pois a tradição urbana da época moura não mais se perdeu: o que existe é a incapacidade ou desinteresse, característicos da cidade muçulmana, de organizar o campo à sua volta.

Um traço do clima peninsular, que apenas não existe no Norte — a seca estival —, permitiu, desde o fim do século XV, a introdução de plantas tropicais e subtropicais regadas: palmeira, das Canárias; laranja, do Sul da China; tangerineira, do Sueste da Ásia; cameleira e nespereira, do Japão; café, do Sul da Arábia; figueira, da Índia; piteira, pimenteiro e abacate, da América tropical seca; milho, da América Central; bata-doce, amendoim, anona e *bougainvillea*, do Brasil; tomateiro, dos Trópicos; batata, dos planaltos andinos; tabaco e feijoeiro da América Latina. De todas elas foi o milho que exerceu influência mais profunda, promovendo uma verdadeira *revolução agrícola*, com ele declinando os antigos prados e a correlativa criação de gado graúdo: não de maneira tão radical, pois, conforme mostrei, o milho alterna com o prado de Inverno e a maior força da sua produção é também a de mais forte criação de bovinos. A batata ganhou terreno sobre o linho, quando o uso do algodão se generalizou como têxtil. Nos últimos séculos, principalmente em Espanha, generalizou-se a beterraba, originária da Europa central. Temos aqui, nestes três exemplos das plantas revolucionárias, o contributo do Novo e do Velho Mundo.

A mais antiga barragem para rega é a que alimenta a veiga de Alicante (1579-1594); assim, nem todos os regadios do Levante assentam, como em Valência, na tradição muçulmana.

Espanha e Portugal vivem, na maior parte, fora da economia industrial da Europa média. O peso da tradição, o analfabetismo (hoje em vias de extinguir-se), a importância concedida às relações humanas e familiares, a independência em relação ao tempo e ao dinheiro, o valor de certos sentimentos brandos (saúde) ou fantasistas (quixotismo), fazem que estas duas nações apareçam como um «enigma» aos olhos de outros Europeus.

LAUTENSACH retoma o capítulo, muito penetrante e compreensivo, que no seu *Portugal*, há trinta e cinco anos, escreveu sobre o assunto. Tive ocasião, no início das minhas próprias pesquisas, de ver com quanta força pesavam esses traços da vida tradicional na organização da paisagem transformada pelo homem; como tive depois ensejo de observar como tudo se vai modificando ao embate do progresso, que depois de ganhar as cidades e vilas vai penetrando cada vez mais fundo na vida do campo. A emigração e o turismo abriram a Península, tão particular e dobrada sobre si, às relações e às modas internacionais, insuflando na economia capitais estranhos e criando nos homens miragens e exigências. Dentro de poucos anos talvez haja que rever profundamente a geografia cultural de longos tractos peninsulares; para já, é a fisionomia dos centros urbanos que se altera, justapondo sem harmonia o moderno e o antigo ou subvertendo uma equilibrada e original tradição.

#### AGRICULTURA, MATAS, GADOS: REGADIO E SEQUEIRO

Em 1940, antes da colonização agrária actual, o regadio ocupava um vigésimo apenas da superfície cultivada e dava um terço da produção agrícola total. Em contraste com esta agricultura, no resto predomina a exploração extensiva; entre o campo cultivado anualmente, passando pelo pcusio de um a vários anos, até às *roças*, existem todas as formas de transição. Os tipos simples e extremados da utilização do solo, característicos da Europa média, não existem aqui. O pomar (*vergel*) de árvores de frutos comestíveis e a vinha, que se parece com ele, conseguem, por meio das raízes profundas, prosperar em solos secos sem rega. Às vezes associa-se-lhes uma escassa cultura de cereais. Os bosques naturais seleccionados dão os pinhais, soutos, carvalhais, montados (*dehesas*, em castelhano) fornecem alimento aos homens (como no tempo de Estrabão) e aos rebanhos (mas a peste suína africana está a ponto de fazer desaparecer esta forma pastoril de criação de porcos).

A rega pratica-se por sulcos (horta) ou por inundação (arrozal). «As hortas, regadas durante todo o ano, situadas geralmente muito perto das povoações, representam o mais alto grau de intensidade de aproveitamento agrícola.» Alguns dados esclarecem o grande contraste entre a pequena propriedade, para mais dividida em grande número



de parcelas com arrendamento (Ibéria sempre húmida, áreas adjacentes de Castela, Oeste de Portugal até ao Tejo e, de um modo geral, no regadio), e a grande propriedade (uma herdade com 30 000 ha na província de Toledo), um proletariado miserável de *braceros* ou *ganhões* (3,1 milhões, 70 p. 100 da população agrícola em Espanha), donos absentistas que vivem nas cidades e arrendam ou exploram por meio de um feitor as suas terras. Os rebanhos transumantes de Inverno aproveitavam as duas folhas devolutas; hoje há tendência para reduzir o pousio a um ano ou intercalar um pousio semeado entre dois anos de cereal. As máquinas agrícolas são cada vez mais geralmente empregadas, estando a desaparecer as «camaradas» de ceifeiros. Metade da parte cadastrada de Espanha (por sua vez metade da superfície total do país) está na mão de 10 000 famílias apenas. Nas áreas de grande propriedade existem geralmente pequenos lotes, regados com noras ou picotas que rodeiam as aldeias e pertencem a camponeses proletários. «A classe média campesina, socialmente tão importante, desempenha pequeno papel.» O clima e as vicissitudes da Reconquista explicam em grande parte estas vigorosas oposições.

O limite mais importante na variação regional das culturas é o da Ibéria sempre húmida (nenhum mês abaixo de 30 mm de precipitação): prados, milho, beterraba sem rega, batatas e couves em torno das povoações, gado graúdo, corte da lande para os estábulos e estrumes, cidra em vez de vinho, maceiras e avelheiras nas encostas. Na Ibéria de Verão seco faz-se sentir a duração da estiagem. A adaptação faz-se por «três formações agrícolas»: 1) *culturas de Inverno* (trigo, cevada, centeio — em regressão — em rotação com leguminosas — favas, feijões e grão); as culturas aproveitam as chuvas da metade invernal do ano e escapam ao calor do Verão, quando os campos ficam «ermos, poeirentos e cobertos de cardos»: depressão do Ebro, Mesetas, Alentejo e Andaluzia; 2) *pomares e bosques de árvores de frutos comestíveis* (compreendendo a vinha): a oliveira chega, a leste como a oeste, até à Ibéria sempre húmida, com excepção da Meseta setentrional, de Invernos frios; 3) *regadio*, em grande extensão das terras meridionais e interiores: cobre a maior área nos distritos portugueses do Noroeste e nas províncias de Valência e Alicante; para sul, a grande propriedade de sequeiro e a escassez de caudais diminuem as áreas regadas (em Valência 50 regas por ano, inclusive de Inverno, 42 000 m<sup>2</sup> p. ha). Certas culturas, necessitadas de calor e que se temem do frio, têm uma distribuição não apenas meridional mas periférica: tamareira, arrozal, agrumes e amendoeira e, de um modo geral, o regadio. Sem embargo das suas formas tradicionais, ele tem-se desenvolvido muito por acção do governo: de 8 p. 1000 a 51 p. 1000 na província de Sevilha, em menos de trinta anos.

A agricultura é uma actividade fundamental: 47,4 p. 100 do território em Espanha, ocupando 42,3 p. 100 dos 29,4 milhões de habitantes; 53,1 p. 100 do solo em Portugal, com 28,3 p. 100 dos 7,9 milhões de habitantes (1950). A cultura mais espalhada e mais importante é o trigo, mas os rendimentos, embora tenham subido, permanecem os

mais baixos da Europa (11,2 quintais p. ha em Espanha, 9,8 em Portugal). Organizações nacionais em ambos os países dominam a produção e o comércio, com o fim de atenuar o *deficit* tradicional de cereais: as altas torres dos silos competem com as torres de igrejas nas aldeias da Meseta. Em Espanha, o trigo é também cultivado de regadio, beneficiando da água de Inverno, abundante e pouco solicitada para outras culturas, com rendimento por hectare duplo do de sequeiro; no milho chega a ser dez vezes superior o rendimento do regadio; domina em toda a orla cantábrica e na metade norte do sector atlântico; outros cereais são cultivados para forragem (cevada e centeio) ou estão em retrocesso (centeio, só nos lugares mais pobres e frios e na montanha). O arroz tem em Espanha o mais elevado rendimento que há do mundo (62 q b. ha, chegou a 78 na província de Cadiz, produção periférica por causa das grandes exigências de água e de calor; metade na província de Valência). A batata (principalmente na Espanha húmida) tem menos importância do que na Europa média, mais do que nas outras penínsulas da Europa mediterrânea; em compensação, as leguminosas, que entram na rotação do trigo como fixadoras de azoto, são largamente cultivadas. A área do algodão aumentou muito, desde 1950, nos regadios da Espanha, que importa dos Estados Unidos outro tanto da produção própria; Portugal satisfaz as suas necessidades com algodão das Províncias Ultramarinas. O mesmo se pode dizer relativamente ao açúcar, por isso a beterraba é apenas uma cultura espanhola; a cana-de-açúcar do extremo sul (o lugar mais setentrional da sua cultura), tratada como na época árabe, representa apenas 1/14 do açúcar de beterraba. Os regadios espanhóis têm desenvolvido a alfalfa, como forragem, e o tabaco, com que se procura diminuir a importação (ao passo que a sua cultura é proibida em Portugal). Entre as plantas industriais merece citar-se o esparto, espontâneo das áreas mais secas: uma série de artefactos tradicionais, desde solas de alpercatas até alforjes, indicam a intimidade do homem com um produto da natureza hábilmente aproveitado, que é uma das marcas de velhas civilizações.

Entre as árvores e arbustos frutícolas cabem, em Espanha, 52 p. 100 à oliveira, 37 p. 100 à vinha; em Portugal, 41 e 43 p. 100. Os olivais da metade oriental da Baixa Andaluzia dão metade da produção espanhola e um quarto da mundial. Por causa da grande oscilação na produção criaram-se em Espanha doze armazéns reguladores; a exportação de azeite, para obter divisas, faz que aumente muito o consumo de outros óleos vegetais. Figueira e amendoeira pertencem à área seca, onde a laranjeira só se pode cultivar com rega (a laranja é o primeiro produto de exportação da Espanha). Invasões de ar frio, em 1956, fizeram descer a produção espanhola de azeitonas de 5,67 milhões de quintais a 2,47, de laranjas de 1069 mil toneladas a 462: vê-se bem como estas culturas, próximo do seu limite ecológico, são frágeis e sujeitas a calamidades naturais. A vinha quase não existe na Ibéria húmida (30 ha na Guipúzcoa contra 208 780 ha em Ciudad Real). Praticamente só os vinhos únicos, como Jerez e Porto, não

têm dificuldades de exportação. Portugal e Espanha, aproximadamente com a mesma área, são os primeiros produtores mundiais de cortiça.

Poderia acrescentar-se à minuciosa informação analítica de LAUTENSACH uma visão de conjunto sobre as dificuldades da economia dos produtos que a Península exporta em primeiro lugar: quer pela fragilidade da cultura, quer pelas exigências de mão-de-obra, comprometidas pela forte emigração ibérica para os países da Europa industrial, quer pela concorrência (outros produtores de agrumes), quer pelo carácter de luxo que adquirem certos vinhos e azeites, quer pela concorrência de materiais sintéticos à cortiça, etc. A agricultura ibérica é assim muito mais destinada ao consumo próprio do que recurso firme e seguro da exportação nacional.

A área regada aumentou, em Espanha, segundo um plano de colonização agrária, de 11 541 km<sup>2</sup> em 1927 para 17 496 km<sup>2</sup> trinta anos depois: supõe-se que alcançará 43 549 km<sup>2</sup>. Ao mesmo tempo têm-se construído barragens para rega e para obtenção de energia, sendo a Espanha o terceiro país, depois dos Estados Unidos e do Japão, a levantá-las. Sem um estudo económico (vários autores têm chamado a atenção para a pouca rentabilidade destes custosos investimentos) é apressado concluir, como faz LAUTENSACH, pelo êxito «da reforma agrária de eficácia social, necessária desde há séculos»: segundo os seus próprios números, há 3,1 milhões de ganhões sem terra; destes, o Instituto Nacional de Colonização colocou, nos novos regadios, 38 000 famílias! Todas as obras públicas espectaculares estão, na Península, profundamente ligadas ao êxito político e à respectiva propaganda e carecem, por isso, da maior atenção crítica.

Na Ibéria húmida predomina o gado vacum, na eira e no trabalho; na Ibéria seca as ovelhas e porcos, burros e muares no trabalho. Mas os distritos de maior criação de gado ficam muito abaixo da Dinamarca, o maior criador da Europa, em nível técnico e em consumo de carne. Os núcleos disponíveis estão, porém, ultrapassados, pela razia da peste suína africana e pelos muito rápidos progressos da mecanização nas grandes propriedades do sul. As ovelhas predominam sobre o resto do outro gado; as quatro canadas tradicionais continuam a ser seguidas e o autor pôde ver um enorme rebanho transumante no centro de Madrid; grande parte destes movimentos fazem-se hoje em vagões de caminho-de-ferro adequados. O gado vacum predomina na Ibéria húmida e no Noroeste de Portugal, onde existem pastos verdes, beterraba e palha de milho; há 54 000 touros de lida.

O repovoamento florestal é, em Portugal, mais antigo e mais intenso que em Espanha; mesmo assim, 45 p. 100 do território, em Espanha, 30 p. 100 em Portugal, conservam-se incultos. *Pinus* é o género preferido: bravo nos solos siliciosos, de Alepo no clima seco, silvestre na alta montanha. O eucalipto e o choupo são semeados para a indústria da celulose. O fim da nova floresta é económico e a vegetação natural fica, com estas essências, profundamente alterada.

Como no clima e na vegetação, podem estabelecer-se divisões agrárias, dentro do princípio da sequência das formas geográficas,

que aqui também se aplica vantajosamente. Parte do território português pertence às mesmas unidades que a Espanha próxima.

### MINAS

«Nenhum país europeu com as dimensões da Ibéria é tão rico em jazigos minerais.» Alguns são explorados desde o Calcolítico; outros tiveram, nos últimos decénios, um incremento que pode ir do dobro a quinze vezes. A sua situação periférica explica-se pela enorme cobertura sedimentar estéril do centro da Península: ela torna a exploração facilitada pela proximidade de portos exportadores.

Os jazigos ordenam-se em andares, segundo a temperatura e profundidade, e foi um intenso levantamento e uma forte erosão que trouxeram à superfície os mais profundos. É impossível seguir a minuciosa enumeração do autor. Anote-se apenas que a mina de Almadén, única no seu género, extrai 22 p. 100 da produção mundial de mercúrio. Outros minerais importantes pertencem às formações sedimentares periféricas, por exemplo jazigos de ferro, chumbo e cobre, que também existem no maciço antigo.

De Aveiro ao delta do Ebro, pratica-se a extracção de sal marinho, facilitada pelo Verão quente e seco: mais de um milhão de toneladas em toda a Península, 64 p. 100 da produção espanhola nas três províncias da Ibéria quase sempre seca (Alicante, Múrcia, Almeria).

### INDÚSTRIA

Decisivo para o desenvolvimento industrial (1948 = 100; 1958: em Espanha 219, em Portugal 165) foi a produção de energia, proveniente em grande parte de barragens: 72 p. 100 em Espanha, 98 p. 100 em Portugal. Relevo e clima favorecem as regiões setentrionais e periféricas e até nesta forma de equipamento se nota a sequência de variações naturais a que tantas vezes se aludiu.

Ao lado de indústrias modernas e poderosas (têxteis: Espanha, 9404 centros com 365 000 trabalhadores; Portugal, 1641 centros com 99 000 trabalhadores) persistem formas tradicionais de artesanato (ladrilhos, olaria, *tinajas* ou talhas para vinho). Umas são indústrias modernas, concentradas em grandes centros fabris (indústrias químicas), outras dependem de condições naturais e tradicionais (cortiça, conservas de peixe). Os centros industriais têm uma distribuição predominantemente periférica: extinguiu-se, no século XVIII, os grandes centros têxteis das regiões centrais e a indústria moderna só ganhou Madrid depois da guerra civil. Razões naturais (maior riqueza mineral, inclusive carvão, proximidade dos portos, energia hidráulica) juntam-se a fortes motivos psicológicos: iniciativa e amor do lucro entre Vascos e Catalães. Nos arredores de Lisboa e Porto vivem dois terços do proletariado industrial português.

## PESCA

A «vida antiga e colorida» que animava a pesca tradicional está a ponto de se transformar profundamente. A pesca do bacalhau na Terra Nova e Groenlândia tomou novo incremento (segundo lugar em Portugal, quarto em Espanha), assim como se desenvolveu a frequência dos pesqueiros distantes das costas de Marrocos e do Sahara. As costas da Galiza possuem quase metade da frota e dos pescadores de toda a Espanha. O grande desenvolvimento da pesca contribui para reforçar a importância económica da periferia ibérica. No entanto, as condições naturais são desfavoráveis tanto à constituição de portos como às comunicações com o interior. Lisboa (o mais vantajoso e o de maior tráfego), Sevilha (a 85 km da foz do Guadalquivir, muito navegável), Cadiz, Cartagena, são os melhores portos naturais.

## CIRCULAÇÃO

As formas tradicionais não desapareceram ainda nos meios de transporte: veredas, caminhos de carro (de bois no Norte, com a sua melodia característica, de mulas, mais leve e de eixo fixo, no resto da Península), que percorrem as serras ou irradiam em torno das grandes aldeias. Os Romanos construíram o primeiro sistema de estradas unindo as principais cidades. Quando Madrid se tornou capital (1561), as estradas começaram a tomar o traçado radial que hoje as caracteriza em Espanha, enquanto em Portugal a estrada principal é periférica. A lembrança das invasões napoleónicas determinou a construção, na Península, dos caminhos-de-ferro mais largos do mundo, especialmente mal adaptados aos grandes desníveis montanhosos. Madrid determinou, uma vez mais, um traçado radial com algumas linhas periféricas, uma das quais serve o transporte de ovelhas transumantes; a mais importante pelo tráfego é a de Lisboa-Porto. O número de aviões aterrados em Espanha era de 4876 em 1945, de 62 629 em 1958. Treze linhas aéreas partem de Madrid para os aeroportos periféricos (a mesma estrutura que caminhos-de-ferro e estradas). Presentemente o número de viajantes transportados em camionetas é superior ao do caminho-de-ferro (238 milhões contra 158). O «recreio» desloca hoje multidões na Península Ibérica. O afluxo de estrangeiros a Espanha quase quintuplicou em oito anos (17 milhões em 1966).

## POVOAMENTO E POPULAÇÃO

No Centro, Leste e Sueste da Espanha existem habitações subterráneas; perto de Granada e Almeria formam, num conjunto de 18 distritos, um quarto das casas, predominando em metade deles: frescas no Verão ardente, muitas com luz eléctrica e ladrilho, confortáveis, limpas e amplas, representam uma curiosa sobrevivência, que já existia no tempo dos Mouros mas cuja origem se ignora.

Os materiais de construção estão na estreita dependência do ambiente. Mas, mesmo na Ibéria sempre húmida, a madeira apenas é usada em traves e acessórios, às vezes nos andares (La Alberca, Serra de Peña de Francia); de madeira são também os *hórreos* ou espigueiros para cereais. A casa setentrional é de granito ou xisto (às vezes coberta com placas de ardósia), não raro sem reboco, com a própria cor da pedra musgosa; no Sul predomina a casa de taipa, adobe ou ladrilho, caiada ou pintada de cores vivas. LAUTENSACH tenta filiar os tipos principais de casa urbana na casa rural da respectiva região: casa de loja e andar com varanda do norte, que, na cidade, deu as casas estreitas e altas, com varandas e *soportarles*; *casa de corral*, baixa, no sul, a que corresponde a *casa de patio* nas aglomerações importantes, de origem romana e conservada pelos Mouros — típica habitação mediterrânea, como a casa de açoteia; a origem berbere que lhe atribui parece-me hipotética, embora esteja sempre ligada a outras sobrevivências muçulmanas.

As variedades dos grandes tipos de povoamento (disseminado, grandes e pequenas aldeias, povoações cerradas e casas esparsas) são descritas em pormenor nos capítulos regionais (fig. 5). Em algumas páginas dedicadas às cidades evocam-se os seus aspectos mais característicos: bairros mouros de planta confusa, muralhas da Reconquista, *plaza mayor* com a sua nobreza arquitectónica, renovação, nem sempre feliz, correspondente ao surto urbano actual, animação das ruas até tarde nas noites quentes de Verão, misteres de ar livre que se juntam à multidão de atarefados e ociosos. Remetendo para trabalhos anteriores, o autor dá ao material toponímico um tratamento muito original, em relação com condições naturais e com vicissitudes históricas (nomes de *villae* no Noroeste, nomes árabes no Sul).

A distribuição da população revela ou acentua os contrastes periferia-centro: além de Madrid, cidade de 2 milhões colocada no centro da península por um esforço de vontade humana, estão na periferia 22 das 25 cidades de mais de 100 000, 17 são portos de mar. Uma «teoria estrutural», em hexágono, da distribuição da população espanhola não é apoiada nem explicativa (como era de esperar!) A variação planetária intervém, dado que as condições de vida são progressivamente menos favoráveis com a extensão da seca estival.

A população espanhola aumentou, no último século, 100 p. 100; a portuguesa, 136 p. 100. Isso deve-se à intensificação da economia, que revalorizou as regiões periféricas aumentando o contraste demográfico. Também o crescimento é mais forte nas cidades do que nos respectivos distritos ou províncias, às vezes em diminuição. Com um crescimento fisiológico muito elevado, Portugal e Espanha são países de emigração comparativamente mais alta no primeiro. Migrações estacionais no mundo rural (hoje em grande parte desaparecidas) e concentração urbana alteram a estrutura demográfica, com mudança do género de vida e da residência.

No conceito do autor, paisagens e regiões identificam-se; pouco mais de metade do volume é dedicado à Geografia regional, descrevendo sistematicamente as várias divisões da Península, desde a mais húmida — o Norte da Galiza — até à mais seca — a região de Alicante-Adra.

A descrição regional segue o plano da parte geral, aclarando certos pormenores, completando o rápido quadro de conjunto, insistindo

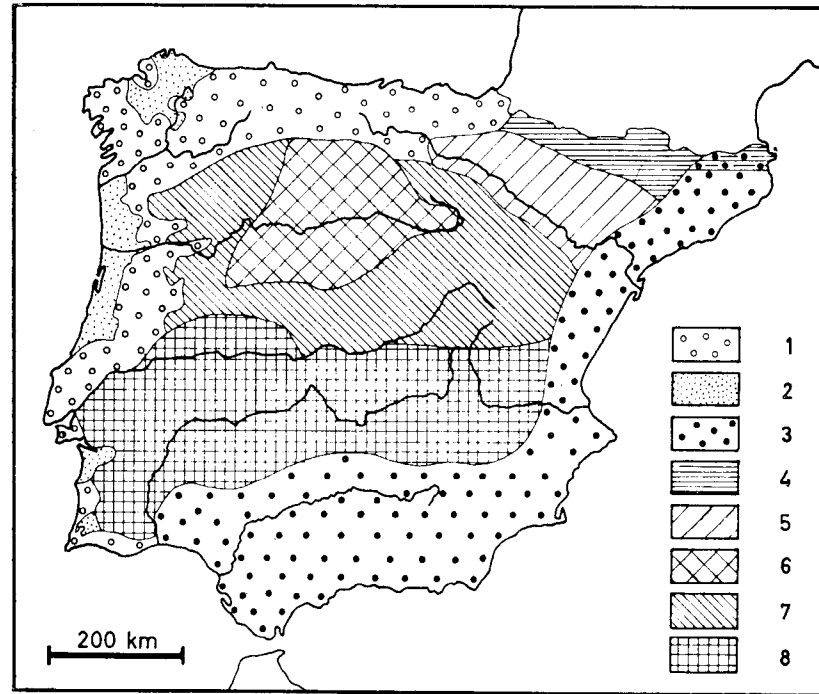


Fig. 5 — Tipos de povoamento rural (segundo QUELLE, NIEMEIER, GIRÃO e outros). 1 — Tipo atlântico; 2 — disseminação dentro do tipo atlântico; 3 — tipo mediterrâneo; 4 — tipo pirenaico; 5 — tipo aragonês; 6 — tipo de Velha Castela e Leão; 7 — tipo continental do norte; 8 — tipo continental do sul.

sempre na «sequência das formas geográficas», método de exposição que dá unidade ao livro. Parece mais vantajoso fazer uma condensação desta matéria comparando-a com a recente *Geografia Regional de España*, dirigida por M. DE TERÁN e L. SOLÉ SABARÍS com a colaboração de sete professores (Barcelona, 1968; 504 pp., 178 figs. e 12 mapas fora do texto), e confrontar os diferentes critérios de regionalização da Península Ibérica, uns assentes na estrutura e natureza do solo, outros em grandes unidades históricas. Ai se dará também balanço ao estado actual da descrição regional na *Geografia de España y Portugal*, dirigida por M. DE TERÁN (Barcelona, 5 vols. publicados a partir de 1954),

apenas completa na parte física geral e no breve tomo V, consagrado a Portugal, como matéria autónoma, pelo autor destas linhas. Em artigo independente se examinarão, sob o aspecto crítico, os vários critérios de divisão regional do País, hoje subordinados a princípios nem sempre conformes com a geografia, mostrando toda a luz que o problema pode receber encarando-o comparativamente no quadro da Península Ibérica.

ORLANDO RIBEIRO